

**O APAGAMENTO DA DITADURA: A COBERTURA
DO SUICÍDIO DE GETÚLIO VARGAS PELOS
JORNAIS *ÚLTIMA HORA* E *TRIBUNA DA
IMPrensa***

**THE ERASURE OF THE DICTATORSHIP: THE
COVERAGE OF GETÚLIO VARGAS' SUICIDE BY THE
NEWSPAPERS *ÚLTIMA HORA* AND *TRIBUNA DA
IMPrensa***

JULIA NOGUEIRA ZON*

Resumo: Figura central no cenário republicano brasileiro, Getúlio Vargas esteve à frente da política nacional por quase duas décadas, deixando um legado que seria alvo de diferentes disputas memoriais e debates ao longo dos anos. Tendo em vista as condições trágicas em que seu último governo terminaria, o presente artigo tenciona analisar como os jornais *Última Hora* e *Tribuna da Imprensa*, respectivamente, exemplos da imprensa getulista e antigetulista da década de 1950, reagiram à notícia do suicídio do presidente. Pretende-se, assim, atentar para como foi feita a construção da narrativa obituária de Vargas nos dias subsequentes à sua morte, de forma a investigar o impacto que ela teve na constituição de uma memória acerca dos seus anos de governo.

Palavras-chave: Estado Novo; Memória; Jornais.

Abstract: A central figure in the Brazilian republican scenario, Getúlio Vargas was at the forefront of national politics for almost two decades, leaving a legacy that would be the target of different memorial disputes and debates over the years. In view of the tragic conditions in which his last government would end, this article intends to analyze how the newspapers *Última Hora* and *Tribuna da Imprensa*, respectively, examples of the getulist and anti-getulist press of the 1950s, reacted to the news of the president's suicide. It is intended, therefore, to pay attention to how the construction of Vargas' obituary narrative was made in the days following his death, in order to investigate the impact it had on the constitution of a memory about his years in government.

Keywords: *Estado Novo*; Memory; Newspapers.

História, memória e getulismo

No dia 10 de novembro de 1937, através de um golpe de Estado, o Brasil assistiu à implantação do Estado Novo (1937-1945) e à outorga, pelo então presidente Getúlio Vargas, da Constituição de 1937. De caráter autoritário, essa Constituição previa a instauração de um

* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo (PPGHS-USP), com pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail para contato: julianogueirazon@gmail.com.

Estado altamente centralizado, impunha limites ao exercício dos direitos individuais, instaurava a censura à imprensa e até prescrevia a pena de morte para os casos de ameaça à ordem. Contudo, a despeito do regime estadonovista ter sido um período caracterizado pela institucionalização de uma ditadura no país, não é incomum nos depararmos, ainda atualmente, com a prevalência de uma memória na qual Vargas é lembrado pela sua obra trabalhista e como um político amado pelas massas trabalhadoras.¹

Para Ângela Gomes, o processo de construção de uma memória nacional guardou mais pontos positivos do que negativos acerca da Era Vargas, de forma que a permanência dessa memória favorável ao seu nome e governo decorreria tanto dos esforços empreendidos pela propaganda política estadonovista, em conjunto com as políticas públicas direcionadas aos campos social e cultural, como do seu suicídio em 1954.² De fato, como salienta Elizabeth Cancelli, “a magia em torno do ato de suicídio de Getúlio Vargas contribuiu para que a mítica construída do herói impedisse o vislumbramento do complexo projeto político e da violência por ele encetada”.³ Assim, a trágica saída do presidente do cenário político brasileiro teria permitido que o mito em torno da sua imagem ganhasse força.

Tendo isso em vista, o presente artigo busca investigar como os jornais *Última Hora* e *Tribuna da Imprensa* – respectivamente, expressões da imprensa getulista e antigetulista dos anos 1950 –, construíram uma narrativa obituária do presidente nos dias seguintes à sua morte, precisamente no período de 24 a 30 de agosto de 1954. Intentamos, dessa forma, aferir de que maneira o ato do suicídio contribuiu para firmar uma determinada memória do legado de Vargas que colaborou para ofuscar do imaginário social os anos de exceção vivenciados com a instauração da ditadura de 1937.

Na medida em que pretendemos adentrar a temática da memória, algumas considerações são indispensáveis. Ao se materializar na forma narrativa, seja por meio da oralidade, da escrita ou das imagens, a memória foi – e, por vezes, ainda é –, frequentemente confundida com relatos históricos sobre o passado, do que decorre a necessidade de se demarcar a distinção entre memória e história. Refletindo acerca dessa diferenciação, Ulpiano Meneses assinala que:

¹ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O Estado Novo, o Dops e a ideologia da segurança nacional. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 327.

² GOMES, Ângela de Castro. Autoritarismo e corporativismo no Brasil: o legado de Vargas. **Revista USP**, São Paulo, n. 65, p. 106-107, mar./mai. 2005.

³ CANCELLI, Elizabeth. Vargas, a paixão de um suicídio: o irracional e a magia do ato. *T.E.X.T.O.S DE H.I.S.T.Ó.R.I.A.* **Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 100-101, 2011.

A memória, como construção social, é formação de imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade individual, coletiva e nacional. Não se confunde com a História, que é forma intelectual de conhecimento, operação cognitiva. A memória, ao invés, é operação ideológica, processo psico-social de representação de si próprio, que reorganiza simbolicamente o universo das pessoas, das coisas, imagens e relações, pelas legitimações que produz.⁴

Dada sua função de instituir identidades e seu papel na formação dos imaginários, a memória é objeto de disputa no presente em que se insere. Como observa Meneses, a memória constrói o passado sob a influência do presente: “a elaboração da memória se dá no presente e para responder a solicitações do presente. É do presente, sim, que a rememoração recebe incentivo, tanto quanto as condições para se efetivar.”⁵ Essa manipulação da memória acontece porque ela é um espaço vivo, cujos contornos podem ser alterados pelos atores históricos.

Em confluência com essa ideia, Michael Pollak assinala que a estruturação da memória sofre flutuações conforme o momento em que ela é articulada. Isso significa que toda produção memorial implica uma escolha, que tem como finalidade estabelecer um recorte sobre as lembranças do passado, delimitando aquilo que deve ser rememorado. Assim, com o intuito de caracterizar o processo de constituição da memória, o autor utiliza o conceito de *enquadramento da memória*:⁶

O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro.⁷

Ao trabalhar com as disputas de memória, Michael Pollak sustenta que as memórias subterrâneas, compartilhadas por grupos minoritários e marginalizados da sociedade, sobrevivem a partir de estruturas de comunicação informais – como em quadros familiares ou associativos e em redes de sociabilidade afetiva ou política.⁸ Opondo-se a uma memória oficial coletiva, essas memórias não ditas encontrariam espaço para se manifestar em períodos de crise. Desse modo, pontua Pollak, “distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente

⁴ MENESES, Ulpiano. A História, Cativa da Memória? Para um Mapeamento da Memória no Campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [S. l.], n. 34, p. 22, 1992.

⁵ *Idem*.

⁶ Michael Pollak importa a ideia de uma memória enquadrada dos estudos de Henry Rousso. Cf. ROUSSO, Henry. Vichy, le grand fossé. Vingtième Siècle. **Revue d'histoire**, Paris, v. 5, n. 1, p. 55-80, 1985.

⁷ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 9-10, 1989.

⁸ *Ibidem*, p. 8.

colore o passado. Conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto”.⁹

Como fenômeno construído, a memória é marcada pela seleção, logo: se há memória, há esquecimento. Essa relação entre memória e esquecimento pode ainda estar sob influência do poder, que atua na manipulação da memória. Esse processo foi verificado, por exemplo, no período do Estado Novo, em que o Estado, tendo o controle dos meios de comunicação, conseguiu forjar imagens e representações tanto do passado como do presente. Entretanto, essa situação muda quando Vargas assume a presidência na década de 1950. Nesse novo cenário histórico, o contexto democrático abriu caminho para as disputas de memória – dada a ilegalidade de implantação de um aparato de censura que inibisse os setores de oposição – que ganhariam repercussão na imprensa.

O retorno de Vargas em 1951

O ano de 1945 evidenciou profundas transformações na conjuntura política brasileira. Com o fim do Estado Novo e o início do processo de democratização, foram criados os partidos que dominariam o cenário político nacional nas décadas seguintes:¹⁰ o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), o Partido Social Democrático (PSD) e a União Democrática Nacional (UDN). Apesar de serem sintomáticos da abertura democrática do país, PTB e PSD haviam sido concebidos ainda dentro dos quadros do regime deposto para agrupar as diferentes forças ligadas a Vargas. Assim, enquanto o primeiro seria responsável por reunir os dirigentes sindicais e os trabalhadores urbanos, o segundo teria sua base de apoio nas interventorias estaduais.¹¹ Fora dessa curva estava a UDN, que surge a partir da reunião de setores antigetulistas da sociedade,¹² dentre os quais se destacarão as elites empresariais e militares e as classes médias urbanas.

⁹ *Ibidem*, p. 8-9.

¹⁰ Esse período de plena atividade dos partidos políticos é interrompido em virtude do golpe civil-militar de 1964, que encerra a experiência democrática brasileira e coloca o país no caminho de uma ditadura.

¹¹ GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994, p. 265-266.

¹² Segundo Maria Victoria Benevides, cinco grupos compuseram a UDN na época de sua fundação: a) as oligarquias destronadas com a Revolução de 1930; b) os antigos aliados de Vargas, marginalizados depois dos eventos de 1935 e 1937; c) os que participaram do Estado Novo; d) os grupos liberais com forte identificação regional; e) alguns setores da esquerda. Contudo, ressalta a autora, essa união não durou muito tempo e, ainda em 1945, alguns grupos se afastaram do partido. In: BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p. 29-31.

Esse pluripartidarismo demonstrava a existência de distintos projetos políticos em disputa na sociedade. De caráter nacional-estatista, o projeto getulista, institucionalizado no PTB, seria caracterizado pelo nacionalismo, fortalecimento do capital nacional e valorização das redes de proteção social.¹³ Por sua vez, o projeto liberal-conservador, capitaneado pela UDN, defenderia, entre outros pontos, a abertura irrestrita ao capital estrangeiro e a não intervenção estatal na economia e nas relações trabalhistas, sendo fortemente marcado pelo distanciamento em relação aos movimentos sociais.¹⁴

Essas divergências faziam do PTB o principal alvo dos udenistas. A existência de um partido fortemente vinculado ao getulismo seria uma clara demonstração de que a queda da ditadura não viria acompanhada da saída definitiva de Vargas da esfera política, fato que se confirmaria poucos anos depois.

Segundo Lucília Delgado, as articulações entre os petebistas e demais forças getulistas em torno da candidatura de Getúlio à presidência da República ganharam destaque entre os anos 1947 e 1950. Não por acaso, as ações do PTB teriam sido orientadas no sentido de revigorar a imagem de Vargas no meio das classes trabalhadoras, apoiando-se, sobretudo, na mensagem social trabalhista. Nesse contexto, observa a autora, o esforço dos petebistas avançou no sentido de fortalecer o partido e de divulgar o getulismo enquanto suporte para a consolidação da imagem de um mito.¹⁵

A vitória nas urnas coube ao candidato petebista, que, dessa vez, retornava ao poder por meio do voto popular, circunstância que suscitou a indignação e frustração dos grupos liberais-conservadores congregados na UDN. Acumulando duas derrotas seguidas ao cargo presidencial – em 1945 e em 1950 –, a oposição udenista foi ferrenha. Maria Victoria Benevides identifica que, especialmente a partir de 1952, a atuação do partido foi marcada por uma postura acusatória, com caráter agressivo no Congresso, violento na imprensa e conspiratório nos setores militares. Com o intuito de desestabilizar o governo vigente, três temas foram recorrentemente explorados: a tragédia que a volta do ditador representava para o

¹³ FERREIRA, Jorge. Crises da República: 1954, 1955 e 1961. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). **O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 303.

¹⁴ *Ibidem*, p. 304.

¹⁵ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **PTB: do getulismo ao reformismo (1945-1964)**. São Paulo: Marco Zero, 1989, p. 86.

país (com a recuperação de uma memória negativa acerca do regime estadonovista), as denúncias de corrupção administrativa e a necessidade de uma intervenção militar.¹⁶

Os embates que se seguiram não ficaram restritos à atuação dos políticos udenistas no Congresso, mas também encontraram eco nos veículos de comunicação do período, majoritariamente dominados pelos setores de oposição ao governo. Dessa forma, os distintos projetos políticos que marcaram a década de 1950, materializados na atuação do PTB e da UDN, acabariam se manifestando, respectivamente, nas páginas dos jornais *Última Hora* e *Tribuna da Imprensa*.

De ditador a democrata: o caso do jornal *Última Hora*

Ao assumir a presidência da República sem suporte dos grandes órgãos de comunicação da época,¹⁷ Getúlio constatou a necessidade de um veículo de imprensa que atuasse na defesa e difusão das suas políticas de governo. Dessa demanda nasceu, em junho de 1951, o jornal carioca *Última Hora*, fundado por Samuel Wainer. Jornalista brasileiro, Wainer começou a se destacar nesse mercado a partir de sua atuação na revista *Diretrizes*, a qual fundou em 1938. Inserida no contexto do Estado Novo, a revista não ficou livre da interferência do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), tendo sofrido intensa censura por parte deste órgão ditatorial. A aproximação de Wainer com Vargas tem início em uma entrevista que o ex-presidente concede ao jornalista – na época, repórter dos *Diários Associados* –, durante seu exílio em São Borja, após a queda do regime. A notícia da fundação da *Última Hora*, que contou com financiamentos privados conseguidos por Wainer, é vista com entusiasmo por Getúlio, que enxerga no jornal um pilar de apoio para seu governo.

De acordo com Alzira de Abreu e Fernando Lattman-Waltman, o periódico foi criado com o incentivo de Vargas, que, ao fazer isso, interveio diretamente no mercado jornalístico “não apenas privilegiando a ação de um jornalista particularmente bem-dotado, como subvertendo as regras de acesso ao fechado clube dos proprietários de jornal, dos fazedores de

¹⁶ BENEVIDES, Maria Victoria. **A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p. 84.

¹⁷ Figuravam entre os jornais de oposição ao governo: *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, *O Globo*, *O Jornal*, *O Estado de S. Paulo* e *Folha da Manhã*.

notícias”.¹⁸ Tal fato estará na base da intensa campanha difamatória que os demais órgãos de imprensa farão contra o jornal de Wainer.¹⁹

Pensado para ser uma nova via de comunicação com os trabalhadores, a *Última Hora* construiu sua conexão com as classes populares utilizando-se de recursos como manchetes sensacionalistas, reivindicações e denúncias sociais, folhetins, histórias em quadrinhos, fofocas de rádio, cobertura esportiva e uso da linguagem popular.²⁰ Segundo afirma Patrícia Padovani, além das inovações no seu formato, “o jornal também trouxe outra novidade para o mercado jornalístico da época: a utilização, pela primeira vez, da fotorreportagem nos diários brasileiros, técnica até então reservada às revistas ilustradas”.²¹ Empregando mecanismos de comunicação de massa, o periódico pretendia ser porta-voz dos interesses populares e nacionalistas.

Sendo um jornal diário e vespertino, a *Última Hora* conseguiu comunicar o suicídio de Vargas em primeira mão com duas edições extras. A tiragem do dia 24 de agosto trouxe na capa a alarmante manchete “Matou-se Vargas!”, principal notícia a ser veiculada pelo jornal assumidamente getulista:

O povo em massa acorre para o Palácio do Catete, estando repletas as ruas que dão acesso à casa em que se matou, vítima da ignomínia e das campanhas infamantes de adversários rasteiros, o maior estadista que o Brasil teve, neste século. Cenas de profunda dôr estão sendo assistidas na rua. Lê-se o pesar no rosto do povo. O povo brasileiro chora a perda do seu Presidente, por êle escolhido, por êle eleito e que – na crise gerada por seus inimigos – só saiu do catete morto.²²

Ao fazer a cobertura jornalística do ocorrido, a *Última Hora* traça um perfil positivo para Vargas, caracterizado como “o maior estadista que o Brasil teve, neste século”. Para confirmar essa imagem, o jornal expõe o sentimento de profundo luto da população diante da morte do presidente e busca legitimá-lo através do povo e das instituições democráticas, posto que Getúlio havia sido “por êle [povo] escolhido, por êle [povo] eleito”. Assim, o periódico

¹⁸ ABREU, Alzira Alves de; LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Fechando o cerco: a imprensa e a crise de agosto de 1954. In: GOMES, Ângela (Org.). **Vargas e a crise dos anos 50**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p. 29.

¹⁹ Em 1953, o fundador da *Última Hora* vai ser acusado de ter conseguido financiamentos ilegais para a criação do seu jornal.

²⁰ PADOVANI, Patrícia Ribeiro dos Reis. **Última Hora: uma tribuna do governo e dos trabalhadores: uma análise sobre a contribuição do jornal para o legado político do trabalhismo**. 2016. 159 f. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2016, p. 27-28.

²¹ PADOVANI, Patrícia Ribeiro dos Reis. *Ibidem*, p. 30.

²² *Última Hora*. **BNDigital**. Rio de Janeiro, ed. 979, 24 ago. 1954, p. 1.

começa a apresentar Vargas enquanto vítima, herói nacional e grande estadista. Essa construção, como veremos, será reforçada ao longo dos dias seguintes.

A primeira edição extra para o dia 24 exibiu na capa a manchete “O povo chora nas ruas a morte do seu grande líder”. Na mesma página, uma reportagem intitulada “Serenidade em homenagem àquele que soube morrer pelo povo” relata que:

Vargas morreu para que o Brasil não se transformasse num campo de batalha fratricida. Era isto o que queriam os inimigos do grande mártir popular. Se Vargas quisesse, bastaria um só gesto seu para que o sangue e as ruínas caíssem sobre a Nação. Mas ele preferiu o seu próprio holocausto, porque bem sabia que os primeiros a sofrer os efeitos da violência seriam aqueles pelos quais sempre viveu e [...] morreu: os humildes, os desprotegidos [...] os trabalhadores, em geral.²³

A *Última Hora* confirma, desse modo, a narrativa da carta-testamento deixada pelo presidente, sustentando seu suicídio como um ato de coragem – decidido com base no seu amor pelas classes populares – para salvar o país das “aves de rapina”. Como assinala Maria Helena Capelato, o mito Vargas ganhou força com o episódio do suicídio, de forma que sua trágica morte contribuiu para apagar da memória nacional as lembranças do Estado Novo.²⁴ Logo, para essa autora, “a dramaticidade do ato e da carta-testamento permitiu reforçar os vínculos de Getúlio com as massas como nunca ocorrera antes”.²⁵

A ligação entre Vargas e as massas é amparada pela série de fotografias reproduzidas nas páginas do jornal ilustrando o sentimento de tristeza e revolta da população diante do ocorrido. Ainda na primeira edição extra, a matéria “De norte a sul o Brasil chora a morte de Vargas” revela a comoção nacional assistida nas diversas regiões do país. A imagem de uma multidão diante do Palácio do Catete estampa essa reportagem com os seguintes dizeres: “Gente descalça e gente da classe média, todos com a fisionomia consternada, levavam ao chefe desaparecido a solidariedade e o apoio que jamais lhe negaram.”²⁶ Realçava-se, assim, a união nacional em torno da figura do presidente, que durante seus anos de governo teria cativado diferentes classes sociais.

Na mesma tiragem, chama atenção a matéria “A sua vida inteira foi dedicada à República”, que apresenta uma biografia sucinta de Vargas. Dentre os diversos fatos de sua juventude, o texto opta por recordar um episódio específico, referente ao período em que o

²³ *Idem.*

²⁴ CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena:** propaganda política no varguismo e no peronismo. 2 ed. São Paulo: UNESP, 2009, p. 307.

²⁵ *Ibidem*, p. 308.

²⁶ *Última Hora*. **BNDigital**. Rio de Janeiro, ed. 979, 24 ago. 1954, p. 4.

presidente serviu ao Exército. Segundo a matéria, na ocasião narrada, Getúlio colocou-se à disposição do seu batalhão mesmo não estando em boas condições de saúde:

Embora se achasse [Getúlio Vargas] então enfêrmo e por essa razão não tivesse sido incluído entre os que deveriam seguir para um dos prováveis teatros de operações militares, apresentou-se ao comando do batalhão e pediu licença para acompanhá-lo sob a alegação de que desejava prestar seus serviços de soldado à Pátria, na hora em que esta deles necessitava.²⁷

O jornal emprega esse ocorrido para enfatizar o constante patriotismo de Vargas. O nacionalismo do presidente era uma das características que se procurava ressaltar, posto que dava força e legitimação ao ato do suicídio. Aliado a isso, o texto percorre alguns cargos públicos ocupados por ele, demarcando suas diversas realizações e buscando confirmar sua virtude de grande estadista.

A Revolução de 1930 foi outro importante acontecimento lembrado pelo jornal nessa matéria. A participação de Vargas no movimento não poderia passar em branco:

Em uma das maiores lutas políticas já travadas no Brasil, o seu triunfo foi incontestável mas para que não prevalecessem as imposições da fraude que então dominava a nossa vida política, foi preciso que tanto as fôrças democráticas integradas na campanha da Aliança Liberal quanto o próprio povo, em todo o país, as levantassem num momento irresistível graças a cujo espetacular e rápido triunfo do Sr. Getúlio Vargas assumia a presidência da República em 3 de novembro de 1930.²⁸

O engrandecimento da Revolução de 1930, apresentada como “uma das maiores lutas políticas já travadas no Brasil”, servia para destacar o papel e o protagonismo de Getúlio neste que foi, segundo a *Última Hora*, um movimento democrático e popular. Assim, o jornal objetivava reforçar o compromisso do presidente com os ideais democráticos e com os trabalhadores ao longo de sua vida. Não por acaso, o resultado do pleito presidencial de 1950 foi utilizado para fortalecer a ideia de que Vargas contava com o apoio das massas:

A prova de que o povo brasileiro não esqueceu os serviços desde então prestados pelo estadista à nossa pátria tivemos-la eloquentemente nos resultados do pleito de 3 de outubro de 1950. De fato, a partir de 1950 o Sr. Getúlio Vargas procedeu a uma verdadeira reforma de base em tôda a vida política, econômica e social do Brasil. Abordou e encaminhou para soluções definitivas os problemas econômicos, sociais e administrativos. Criou os Ministérios do Trabalho, da Educação e Saúde e da Aeronáutica. Dotou o Brasil de uma das legislações sociais mais avançadas do mundo.²⁹

Mesmo com uma crise social, econômica e política atingindo o governo a partir de 1953 – o que levou à inflação, declínio da taxa de produção industrial e reivindicações

²⁷ *Ibidem*, p. 5.

²⁸ *Ibidem*, p. 5.

²⁹ *Última Hora*. **BNDigital**. Rio de Janeiro, ed. 979, 24 ago. 1954, p. 4.

trabalhistas –,³⁰ o trecho mantém a representação de Getúlio como grande chefe de Estado e “pai dos pobres”. Por consequência, pouco espaço é dedicado ao Estado Novo, sendo que a palavra “ditadura” sequer aparece no texto. A narrativa defendida na matéria era a de que a ameaça comunista na década de 1930 obrigara a tomada de medidas mais duras visando à preservação da ordem e da segurança no país:

[Vargas] realizou uma grande obra de fortalecimento da unidade nacional, reagiu contra os excessos da propaganda comunista bem como a dos elementos fascistas. Não hesitou em enfrentar as forças de desagregação nacional que ameaçavam levar o Brasil à ruína. E a 10 de novembro de 1937, tomou medidas mais amplas visando preservar os destinos nacionais.³¹

O comunismo e o fascismo aparecem como os grandes inimigos de Vargas e da nação, o que permitia justificar a implantação da ditadura de 1937. Em contraposição à imagem de ditador, o que prevalece são os atributos democráticos do presidente que, ao inserir o Brasil na guerra contra os países do Eixo em 1942, “integrou-se definitiva e completamente na aliança dos povos que lutavam no mundo pela causa da liberdade e da justiça”.³² Desse modo, a matéria privilegia a exposição de determinados fatos e omite outros – como o caráter autoritário do regime estadonovista – a fim de construir uma memória na qual Vargas aparece como líder popular, democrata e herói nacional. Nessa recuperação da trajetória política do presidente, o Estado Novo fica em segundo plano e o foco é direcionado para os longos anos de sua devoção ao país.

Apesar de o texto “A sua vida inteira foi dedicada à República” ter priorizado a carreira política de Vargas, a *Última Hora* também trouxe reportagens que deram foco ao âmbito privado de sua vida. Ainda na mesma tiragem, a matéria “Getúlio o chefe de família” apresenta fotografias de Vargas em companhia da esposa, dos filhos e participando de uma cerimônia religiosa. Já na página seguinte, sob o título “Getúlio o amigo do povo”, vemos imagens do presidente rodeado de crianças, sendo homenageado por artistas e prestando auxílio a um homem carente. Na sobreposição entre o universo público e privado, observamos que a figura do marido e pai dedicado se mescla com a imagem do político comprometido com o país, mostrando que as fronteiras entre essas duas esferas da vida de Vargas eram fluidas.

³⁰ BENEVIDES, Maria Victoria. *op. cit.*, p. 86.

³¹ *Última Hora*. **BNDigital**. Rio de Janeiro, ed. 979, 24 ago. 1954, p. 5.

³² *Idem*.

A segunda edição extra do dia 24 de agosto trouxe na íntegra a reprodução da carta-testamento escrita por Getúlio. Nessa mesma publicação, a matéria “Um homem” reafirma a ideia do sacrifício pessoal do presidente e o iguala a outras figuras históricas que passaram a representar a luta pela liberdade e emancipação do país – como Tiradentes, Frei Caneca e Felipe dos Santos. Como sublinha Capelato, “o suicídio heróico assegurou a imortalidade do líder, como era seu desejo expresso na carta-testamento em que afirma ‘saio da vida para entrar na História’”.³³ Desse modo, Vargas adentrava o panteão dos grandes mártires brasileiros.

Na tiragem de 25 de agosto, dia seguinte ao anúncio da morte, a *Última Hora* segue noticiando a repercussão do acontecimento. O destaque dessa publicação foi a visita pública ao corpo de Vargas realizada no Palácio presidencial. Sob a manchete “Último encontro do povo com o grande presidente morto”, o jornal descreve as cenas de tumulto entre a multidão:

Mais de duas mil pessoas desmaiaram ou foram prêsas de violenta comoção nas 12 horas iniciais que marcou o começo da aglomeração popular no Palácio do Catete. Dessas, uma faleceu. [...] Calcula-se que um milhão de pessoas estiveram ontem, no correr do dia e da noite, nas imediações do Palácio do Catete, tentando visitar o corpo do Presidente Getúlio Vargas. Dessas, segundo informações colhidas junto a funcionários do Palácio, somente 100 mil tinham logrado aproximar-se do caixão mortuário de Vargas, até às 7 horas da manhã de hoje.³⁴

Igualmente, foram enfatizadas as várias manifestações populares ocorridas pelo país ainda no dia 24. As fotografias que ocuparam as páginas do periódico retratavam cenas de lamento, desespero e tristeza, as quais se misturavam com as imagens de uma multidão indignada, que se dirigia com violência contra os adversários políticos de Getúlio:

O povo foi até a porta da *Tribuna da Imprensa*, jornal que liderou toda a campanha de insultos e calúnias contra Vargas, para mostrar-lhe que a sua bandeira de luta continuará desfraldada em defesa do Brasil e de sua independência econômica, como também da liberdade de todo o povo brasileiro.³⁵

Na cidade do Rio de Janeiro, foram atacados os prédios dos jornais *O Globo*, *Tribuna da Imprensa*, *A Notícia* e *O Mundo*, sendo preciso intervenção policial para conter a população enraivecida.³⁶ Outras capitais também seriam palcos de conflitos: em Porto Alegre,

³³ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *op. cit.*, p. 309.

³⁴ Última Hora. **BNDigital**. Rio de Janeiro, ed. 980, 25 ago. 1954, p. 2.

³⁵ Última Hora. **BNDigital**. Rio de Janeiro, ed. 980, 25 ago. 1954, p. 9.

³⁶ Após a fachada de *O Globo* ter sido apedrejada, a multidão cercou e incendiou dois caminhões de distribuição do jornal, o que resultou na destruição de milhares de seus exemplares. Enquanto isso, a Polícia Especial conseguiu impedir a invasão da *Tribuna da Imprensa*, porém, não foi capaz de evitar a queima de toda a edição do jornal pelos manifestantes. Cf. FERREIRA, Jorge. Crises da República: 1954, 1955 e 1961. In: FERREIRA,

foram alvos a sede da UDN e órgãos de comunicação oposicionistas, como o *Diário de Notícias*; em São Paulo, operários de diversas empresas decidiram decretar greve e houve organização de uma passeata; em Belo Horizonte, com a população nas ruas, um grupo invadiu o consulado norte-americano; do mesmo modo, nas capitais nordestinas, como Recife, Salvador, Natal, Fortaleza, Teresina e Aracaju, ocorreram cenas de protesto e tristeza popular.³⁷ De acordo com Jorge Ferreira, “a morte inesperada de Vargas foi vivenciada pelos trabalhadores e pelas pessoas comuns como verdadeiro trauma ao mesmo tempo político, social e simbólico”, de forma que “para confirmarem sua existência e seus sentimentos, para serem ouvidos e criarem uma imagem negativa do rival, eles se revoltaram e partiram para a destruição simbólica da oposição”.³⁸

A edição de 26 de agosto continuou dando visibilidade às manifestações, homenagens e comissões populares que ocorriam pelo Brasil. Já no dia 27, o jornal noticiou, através de fotografias, a chegada do corpo de Getúlio à sua cidade natal, São Borja, no Rio Grande do Sul. Segundo relata a *Última Hora*, “o corpo de Vargas, a exemplo do que ocorreu no Palácio do Catete, ficou exposto durante toda a noite na sede da Prefeitura de São Borja à visitação pública. E, tal como aconteceu aqui, não cessou um minuto sequer o desfile do povo diante de seu grande líder e amigo”.³⁹

A tiragem de 28 de agosto trouxe uma coluna intitulada “Estão infamando a memória de Vargas!”, cujo texto denunciava a campanha difamatória organizada pela oposição com o objetivo de negar a autenticidade da carta-testamento. No intuito de preservar uma memória positiva do legado varguista, a coluna apontava que “nesta hora, lembrar Getúlio Vargas é reencontrar o espírito da Revolução, de que ele foi o guia e que transformou o Brasil semi-colônia de 1930, no país em marcha para a independência econômica de 1954”.⁴⁰

Dando seguimento à edição anterior, no dia 30 a *Última Hora* segue explorando politicamente a carta-testamento. Dessa vez, o jornal trouxe o depoimento de Alzira Vargas, filha de Getúlio, para desmentir as acusações de falsidade do documento. Ao descrever os últimos momentos com seu pai, Alzira reafirma a grandeza do ato de Vargas e seu amor pelo

Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). **O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 310-311.

³⁷ FERREIRA, Jorge. *Ibidem*, p. 311-314

³⁸ FERREIRA, Jorge. O carnaval da tristeza: os motins urbanos do 24 de agosto. In: GOMES, Ângela (Org.). **Vargas e a crise dos anos 50.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p. 75.

³⁹ Última Hora. **BNDigital.** Rio de Janeiro, ed. 982, 27 ago. 1954, p. 3.

⁴⁰ Última Hora. **BNDigital.** Rio de Janeiro, ed. 983, 28 ago. 1954, p. 3.

povo: “meu pai deu o seu sangue para que não corresse mais sangue do povo brasileiro”.⁴¹ O relato de Alzira é importante pois, na medida em que participava do círculo político ao lado de seu pai, ela teria tido acesso a informações e debates que poucos vieram a ter contato, sendo uma figura de grande força política no período.⁴²

Como porta-voz de Vargas durante seu segundo mandato, a *Última Hora* capitaneou a defesa do presidente e dos interesses das classes populares. Em vista disso, diante do suicídio, observamos que o jornal não mediu esforços para evidenciar a face positiva do passado varguista, de forma que a lembrança de Getúlio como chefe de um governo de exceção é suprimida de suas páginas. Os fatos e eventos destacados contribuem, então, para edificar a memória de Vargas como um grande mártir brasileiro, cujo legado está intrinsecamente relacionado à conquista da emancipação nacional e dos direitos dos trabalhadores. Afinal, como reforçou o periódico, “o povo sabe defender a memória daqueles que ficam amorosamente em sua convicção como líderes ou heróis. E Vargas permanecerá na imaginação das grandes massas do Brasil como o chefe incontestável”.⁴³

A oposição recua: o caso do jornal *Tribuna da Imprensa*

Fundado em dezembro de 1949 por Carlos Lacerda, o jornal vespertino *Tribuna da Imprensa* ficou famoso por empreender os mais ferrenhos ataques a Vargas durante seu segundo governo. Esse posicionamento deveu-se, em muito, ao seu criador, que já no contexto da campanha presidencial de 1950 deixava explícita sua oposição à candidatura de Getúlio.⁴⁴ Filiado à UDN desde 1945, Lacerda ficou conhecido como político e jornalista. Durante as décadas de 1940 e 1950 ocupou os cargos de vereador e deputado federal pelo Distrito Federal, ao mesmo tempo em que utilizou seu jornal para fazer coro às principais propostas do partido. Através da *Tribuna da Imprensa*, Lacerda foi um dos primeiros a investir contra a *Última Hora*, acusando Wainer de ter conseguido financiamentos ilícitos para a criação do seu jornal. O objetivo por trás da denúncia era tentar vincular o escândalo a Vargas, a fim de desestabilizar o governo e provocar a retirada do presidente do poder.

⁴¹ *Idem*.

⁴² GOMES, Ângela de Castro. A guardiã da memória. **Revista Acervo**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1-2, p. 20, jan./dez. 1996.

⁴³ *Última Hora*. **BNDigital**. Rio de Janeiro, ed. 983, 28 ago. 1954, p. 3.

⁴⁴ Ao escrever para a *Tribuna* no ano de 1950, Lacerda exprimia sua célebre sentença: “O Sr. Getúlio Vargas senador, não deve ser candidato à presidência. Candidato, não deve ser eleito. Eleito, não deve tomar posse. Empossado, devemos recorrer à revolução para impedi-lo de governar.” *In*: *Tribuna da Imprensa*. **BNDigital**. Rio de Janeiro, ed. 132, 1 jun. 1950, p. 4.

Em 1954, com o atentado da rua Tonelero, a crise política envolvendo o governo atingiu níveis mais altos.⁴⁵ A *Tribuna* passou a acusar Getúlio de ser responsável pelo crime, realizando uma verdadeira campanha de difamação do presidente. Chegando à conclusão de que era inviável para Vargas continuar no poder diante dos últimos acontecimentos, o jornal de Lacerda – em conformidade com outros veículos da grande imprensa – passou a defender a renúncia ou deposição do presidente. Todavia, pega de surpresa, a oposição não esperava que o desfecho da crise fosse o suicídio:

O que parece claro, pela leitura dos jornais de maior circulação do país, é que esse acontecimento político foi muito mais importante e surpreendente do que a possibilidade que tinham os jornalistas e donos de jornais, naquele momento, de processar o evento. Todos tinham sedimentado uma imagem de Getúlio Vargas que era basicamente a de um homem que amava o poder, a do caudilho que lutava pelo poder pelo prazer de manipular, de mandar. Mas então, como explicar o suicídio?⁴⁶

Apesar de conceder destaque ao incidente, noticiado formalmente na primeira página sob a manchete “Suicidou-se Vargas”, a *Tribuna* realizou sua cobertura jornalística sem suscitar grandes comoções. Afirmava o jornal que, valendo-se da morte do presidente, os comunistas iniciavam uma nova tática de agitação pré-revolucionária em todo o país.⁴⁷ Ao atribuir aos comunistas a responsabilidade pelos atos de revolta que se difundiam nacionalmente, os jornais de oposição pretendiam evitar que as manifestações populares fossem vistas como uma reação espontânea do povo frente ao suicídio.⁴⁸ Assim, em contraste com a *Última Hora*, que conferiu grande espaço para a reação dos trabalhadores, a *Tribuna* omitiu de suas páginas qualquer demonstração de indignação ou tristeza por parte da população.

Da mesma forma, a fim de minimizar o acontecimento, alguns periódicos preferiram dar destaque à posse do vice-presidente Café Filho, esperando que ela garantisse o restabelecimento da ordem e da paz.⁴⁹ Esse foi o caso da *Tribuna*, cuja edição do dia 24 trouxe matérias como “Café Filho é o novo Presidente da República”, “Dramático discurso de Café Filho no Senado” e “Pacificar os ânimos para um govêrno de união nacional”. Nesta

⁴⁵ Ocorrido em 5 de agosto de 1954, o atentado, que tinha como alvo Carlos Lacerda, culminou na morte do major-aviador Rubens Vaz, guarda-costas do jornalista. As investigações levaram à descoberta do envolvimento da guarda pessoal do presidente no episódio, o que inflamou ainda mais a oposição e agravou a crise política do governo.

⁴⁶ ABREU, Alzira Alves de; LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Fechando o cerco: a imprensa e a crise de agosto de 1954. In: GOMES, Ângela (Org.). **Vargas e a crise dos anos 50**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p. 39.

⁴⁷ *Tribuna da Imprensa*. **BNDigital**. Rio de Janeiro, ed. 1418, 24 ago. 1954, p. 2.

⁴⁸ ABREU, Alzira Alves de; LATTMAN-WELTMAN, Fernando. *Op.cit.*, p. 39.

⁴⁹ *Idem*.

última, o jornal descreve um encontro de Café Filho com Lacerda, ao que este teria dito que “só posso desejar que, como presidente da República, raspe do Brasil os destroços da Oligarquia Vargas. A renúncia de Getúlio Vargas faz-se indispensável”.⁵⁰

Ainda no dia 24 de agosto, chama atenção a matéria “Os 19 dias que abalaram a Nação” que relembra o atentado a Lacerda. Indo na contramão da comoção popular que se via nas ruas naquele momento, o texto diz que “aos poucos conseguia-se provar que o Catete pagou o crime com o dinheiro do povo. E de todos os lares começou a levantar-se o desejo de renúncia do presidente”.⁵¹

No dia 26,⁵² através da sua coluna “Pelo Brasil”, Lacerda denunciava que Vargas havia morrido vítima dos maus amigos, posto que “foram alguns de seus íntimos, homens aos quais ele entregara a sua confiança e até a sua segurança pessoal, os aproveitadores de seu prestígio [...] os que levaram o Brasil à crise da qual o Presidente da República saiu pelo caminho do suicídio”.⁵³ Com medo da reação popular e respondendo aos ataques dos setores getulistas – que responsabilizavam a oposição pelo suicídio –, Lacerda procurava afastar a culpa que vinha sendo depositada sobre ele e seu jornal nos últimos dias. Em vista disso, a *Tribuna* muda de tom ao referir-se ao presidente: se até dias antes do suicídio ele era o responsável pelo atentado que matou o major-aviador, agora “Rubens Vaz e Getúlio Vargas são vítimas dos mesmos criminosos”.⁵⁴

Sem negar que havia sido um adversário do governo, o jornalista enfatiza que sua luta foi feita com lealdade e que os atos de violência e traição ficaram a cargo dos “falsos amigos” do presidente. Por fim, afirmando que “a crise nacional foi superada pela prudência das forças armadas e pelo instinto do povo”,⁵⁵ Lacerda faz um apelo de união pelo Brasil. Essa edição, diferente da anterior, concede maior destaque à morte do chefe de governo com matérias como “Repercute no estrangeiro a morte de Getúlio Vargas” e “Grande emoção no embarque do corpo de Vargas”. Dessa forma, vemos que de uma postura de ataque, a *Tribuna* incorpora um comportamento conciliatório voltado para a união nacional.

⁵⁰ *Tribuna da Imprensa*. **BNDigital**. Rio de Janeiro, ed. 1418, 24 ago. 1954, p. 6.

⁵¹ *Idem*.

⁵² A edição referente ao dia 25 de agosto do jornal *Tribuna da Imprensa* não consta no acervo da Hemeroteca Digital. É possível que, em função dos protestos da população, muitos dos quais se dirigiram diretamente à sede da *Tribuna*, o jornal tenha tido dificuldade de circular.

⁵³ *Tribuna da Imprensa*. **BNDigital**. Rio de Janeiro, ed. 1419, 26 ago. 1954, p. 1.

⁵⁴ *Idem*.

⁵⁵ *Idem*.

No dia seguinte, a coluna “Providências urgentes”, assinada por Lacerda, denuncia a falsidade da carta-testamento. Contudo, o jornalista faz a ressalva de que, caso comprovada a veracidade do documento, ficaria demonstrado que Vargas “se suicidou para vingar-se dos adversários e mergulhar o Brasil no caos, destruindo-se, já que não podia destruí-los”.⁵⁶ Sob a justificativa de que os ânimos da população estavam alterados, o dono da *Tribuna* faz um apelo pelo adiamento das eleições presidenciais de 3 de outubro, uma vez que temia a vitória da ala getulista no pleito.

Lacerda volta a se pronunciar nos dias 28 e 29 de agosto com a coluna “Um golpe que fracassou”, a fim de se defender novamente das acusações que o culpabilizavam pelo suicídio. Para lograr esse objetivo, o jornalista revela o planejamento de um golpe de Estado que teria sido efetuado a partir do seu assassinato no atentado da rua Tonelero. Ao sair em prol do governo Café Filho, Lacerda escreve que “o golpe de Estado que prepararam com a minha morte foi frustrado pelo sacrifício heróico do major Vaz. Não tentem realizá-lo agora, por meio de eleições ‘dopadas’, à custa da terceira vítima emboscada: Getúlio Vargas”.⁵⁷

Na tiragem do dia 30, a *Tribuna* trouxe uma palestra de Lacerda à Rádio Globo sob o título “Os verdadeiros inimigos de Getúlio Vargas”. Até então ausente dos discursos, a ditadura de 1937 é lembrada pelo jornalista quando ele busca fazer uma diferenciação entre os inimigos do presidente – a saber, os seus “falsos amigos” – e os seus adversários políticos:

Não foram seus inimigos como aquele Luís Carlos Prestes, tão diferente do atual, que, aliado da Rússia e dos golpistas brasileiros, passou cerca de dez anos dentro de um cubículo e teve sua mulher e sua filha entregues aos carrascos de Hitler. [...] Não foram seus inimigos aqueles cujas pontas dos pés eram abertas até o osso pela chama azul dos maçaricos acesos da Polícia no tempo da ditadura de Getúlio Vargas.⁵⁸

Apesar da menção aos horrores experimentados pela oposição durante o regime estadonovista, o dono da *Tribuna* não direciona seus questionamentos a Vargas, mas a políticos próximos a ele – como Osvaldo Aranha e João Goulart –, que não o teriam alertado sobre os seus verdadeiros inimigos. Lacerda finaliza dizendo que o suicídio libertou o presidente dos seus falsos amigos, contudo, deixou a nação à sua mercê. Logo, embora brevemente lembrado, o Estado Novo é utilizado mais como um recurso contra os demais rivais políticos de Lacerda, do que para fazer uma crítica direcionada a Getúlio.

⁵⁶ *Tribuna da Imprensa*. **BNDigital**. Rio de Janeiro, ed. 1420, 27 ago. 1954, p. 4.

⁵⁷ *Tribuna da Imprensa*. **BNDigital**. Rio de Janeiro, ed. 1421, 28-29 ago. 1954, p. 4.

⁵⁸ *Tribuna da Imprensa*. **BNDigital**. Rio de Janeiro, ed. 1422, 30 ago. 1954, p. 4.

Nessa mesma publicação da *Tribuna*, encontramos a coluna “Sangue e Lama”, cujo autor lamenta o fato de o presidente ter preferido a morte ao invés de enfrentar “uma renúncia voluntária e digna”. O texto ainda faz um apelo para que o desfecho de Getúlio, “cujo desespero merece toda a nossa comovida piedade”, não seja motivo para o esquecimento da “lama que a dias vem jorrando do palácio presidencial”. Apesar de apontar o recorrente temor de um novo golpe de 1937 e denunciar o “legado econômico verdadeiramente catastrófico” deixado pelo seu segundo governo, o autor diz acreditar que o presidente realmente se importava com os mais humildes. Desse modo, apesar da crítica, a imagem de Getúlio como “pai dos pobres” é reafirmada, o que demonstraria, por um lado, o peso dessa representação no imaginário social e, por outro, corroboraria com a ideia do breve recuo da oposição.

Como salienta Ferreira, através do tiro no peito, “a vingança foi meticulosamente planejada: se os seus inimigos o queriam desmoralizá-lo politicamente, ele foi muito além, jogando seu próprio cadáver nos braços dos udenistas que, atônitos, não souberam o que fazer com ele”.⁵⁹ É possível, então, que o temor da reação popular e a preocupação com o avanço político dos getulistas tenham feito com que a *Tribuna* fosse mais cautelosa ao se referir a Vargas. Não por acaso, notamos que após o suicídio houve uma mudança na forma como o presidente passou a ser retratado. No geral, pelo menos até esse momento, a ofensiva não pretendia mais corroer a imagem de Getúlio, mas atacar os adversários que continuavam no cenário político brasileiro.

Considerações finais

Como pudemos discutir inicialmente, a memória passa por um processo de enquadramento que acaba por estabelecer limites à rememoração. Nesse movimento, a tarefa de seleção daquilo que vai ou não ser lembrado responde às demandas do presente histórico e dos grupos envolvidos nessa ação. Ao privilegiar essa temática para trabalhar com os jornais *Última Hora* e *Tribuna da Imprensa*, observamos que a conjuntura política instaurada a partir do suicídio de Getúlio Vargas favoreceu, nos dias subsequentes ao ocorrido, a prevalência de uma memória positiva acerca dos seus governos. O impacto e a narrativa da morte do presidente fortaleceram a associação de sua imagem com a defesa dos trabalhadores e dos

⁵⁹ FERREIRA, Jorge. Crises da República: 1954, 1955 e 1961. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). **O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 310.

princípios nacionalistas, fazendo reviver o mito “pai dos pobres” construído pelo aparelho propagandístico do Estado Novo.

No decorrer do período analisado, notamos que o jornal *Última Hora* corroborou na difusão de uma narrativa que apresentava o suicídio como um ato de amor dramatizado ao máximo. Fundamentado na ideia de sacrifício e salvação, o mito Vargas ganhava força a partir da reação das massas, cuja comoção e protestos assumiam grande peso na edificação do imaginário político e social. Nesse contexto, a lembrança dos anos de exceção vivenciados com a ditadura de 1937 foi omitida das páginas do jornal. A herança varguista – simbolizada, sobretudo, na sua obra trabalhista – deveria ser preservada positivamente, posto que, podendo ser apropriada, forneceria sustentação e legitimação política àqueles que se reivindicassem herdeiros desse legado. Em vista disso, notabilizava-se uma memória de Vargas como líder popular, herói nacional e, até mesmo, democrata.

Por outro lado, observamos que a *Tribuna da Imprensa*, apesar de noticiar o ocorrido com destaque, procurou, em um primeiro momento, conceder maior visibilidade a outras pautas jornalísticas, omitindo o clima turbulento que o país atravessava. Em consonância com o fato de ser um veículo de imprensa assumidamente antigetulista, o jornal de Lacerda não dedicou espaço à exaltação da figura ou dos feitos de Vargas. Contudo, o receio da reação popular e da perda de vantagens políticas conquistadas até então fizeram com que o jornal mudasse o tom em relação a Getúlio, que de criminoso e corrupto passou a ser mais uma vítima de toda aquela conjuntura. Para tanto, mesmo que, nos primeiros anos do governo, a *Tribuna* tenha encabeçado uma intensa campanha contra o presidente, as condições de sua morte e a imediata comoção nacional consequente dela não deixaram espaço para que se sobressaísse uma memória preocupada em recuperar o passado ditatorial de Vargas e seu legado autoritário, pelo menos, não naquele momento.

No ano seguinte ao suicídio, a população que havia saído às ruas para protestar contra a perda do presidente deu sua resposta nas urnas. O resultado da eleição consagraria a vitória da chapa Juscelino Kubitschek-João Goulart (PSD-PTB) para ocupar, respectivamente, a presidência e a vice-presidência da República. Assim, pela terceira vez, a oposição udenista viu frustrada sua tentativa de eleger um candidato para o Poder Executivo Federal. Apesar do impacto do suicídio começar a se esvaír com o tempo, o resultado eleitoral de 1955 revelava que as disputas acerca da memória de Vargas não terminariam por ocasião de sua morte, uma vez que o passado getulista se mantinha vivo na cena política.

Referências

Fontes documentais

TRIBUNA DA IMPRENSA. **BNDigital**. Rio de Janeiro, ed. 1418, 24 ago. 1954.

_____. **BNDigital**. Rio de Janeiro, ed. 1419, 26 ago. 1954.

_____. **BNDigital**. Rio de Janeiro, ed. 1420, 27 ago. 1954.

_____. **BNDigital**. Rio de Janeiro, ed. 1421, 28-29 ago. 1954.

_____. **BNDigital**. Rio de Janeiro, ed. 1422, 30 ago. 1954.

ÚLTIMA HORA. **BNDigital**. Rio de Janeiro, ed. 979, 24 ago. 1954.

_____. **BNDigital**. Rio de Janeiro, ed. 980, 25 ago. 1954.

_____. **BNDigital**. Rio de Janeiro, ed. 981, 26 ago. 1954.

_____. **BNDigital**. Rio de Janeiro, ed. 982, 27 ago. 1954.

_____. **BNDigital**. Rio de Janeiro, ed. 983, 28 ago. 1954.

_____. **BNDigital**. Rio de Janeiro, ed. 984, 30 ago. 1954.

Teses, artigos e livros

ABREU, Alzira Alves de; LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Fechando o cerco: a imprensa e a crise de agosto de 1954. *In*: GOMES, Ângela (Org.). **Vargas e a crise dos anos 50**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p. 23-60.

BENEVIDES, Maria Victoria. **A UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O Estado Novo, o Dops e a ideologia da segurança nacional. *In*: PANDOLFI, Dulce (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 327-340.

CANCELLI, Elizabeth. Vargas, a paixão de um suicídio: o irracional e a magia do ato. *T.E.X.T.O.S DE H.I.S.T.Ó.R.I.A. Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB*, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 100-110, 2011.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2009.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **PTB: do getulismo ao reformismo (1945-1964)**. São Paulo: Marco Zero, 1989.

DELGADO, Márcio de Paiva. **O “golpismo democrático” de Carlos Lacerda e o Jornal Tribuna da Imprensa na quebra da legalidade (1949-1964)**. 2006. 154 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.

FERREIRA, Jorge. O carnaval da tristeza: os motins urbanos do 24 de agosto. *In*: GOMES, Ângela (Org.). **Vargas e a crise dos anos 50**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p. 61-96.

_____. Crises da República: 1954, 1955 e 1961. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). **O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 301-342.

GOMES, Ângela de Castro. Autoritarismo e corporativismo no Brasil: o legado de Vargas. **Revista USP**, São Paulo, n. 65, p. 105-119, mar./mai. 2005.

_____. **A invenção do trabalhismo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

_____. A guardiã da memória. **Revista Acervo**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1-2, p. 17-30, jan./dez. 1996.

LAURENZA, Ana Maria de Abreu. **Lacerda x Wainer: o corvo e o bessarabiano**. São Paulo: SENAC, 1998.

MENESES, Ulpiano. A História, Cativa da Memória? Para um Mapeamento da Memória no Campo das Ciências Sociais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [S. l.], n. 34, p. 9-23, 1992.

PADOVANI, Patrícia Ribeiro dos Reis. **Última Hora: uma tribuna do governo e dos trabalhadores: uma análise sobre a contribuição do jornal para o legado político do trabalhismo**. 2016. 159 f. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2016.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

_____. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SILVA, Fernanda Xavier da. As Constituições da Era Vargas: uma abordagem à luz do pensamento autoritário dos anos 30. **Revista Política & Sociedade**. Florianópolis, v. 9, n. 17, p. 259-288, out. 2010.